



Anton Tchekhov

O assassinato e outras histórias

Tradução e prefácio

Rubens Figueiredo

Cosac & Naify



I

Na estação de Progónaia, celebravam a missa de vésperas. Diante do grande ícone, pintado com cores vivas sobre um fundo dourado, achava-se a multidão dos funcionários da estação, suas mulheres e seus filhos, bem como os lenhadores e serradores que trabalhavam nas proximidades da estrada de ferro. Todos estavam em silêncio, fascinados com o brilho das velas e com o bramido da tempestade que de repente desabara lá fora, apesar de ser véspera do dia da Anunciação. Um velho sacerdote de Vedeniápino celebrava a missa; o sacristão e Matviei Terekhov cantavam.

O rosto de Matviei brilhava de alegria, ele cantava e esticava o pescoço, como se quisesse levantar vôo. Cantava com voz de tenor e lia o cânon com a mesma voz, doce e persuasiva. Quando cantaram "Voz dos arcanjos", balançou a mão como um maestro e, no esforço para se ajustar ao tom surdo de baixo do velho sacristão, inventou, com sua voz de tenor, um floreio invulgarmente complicado; pelo seu rosto, podia-se ver que experimentava uma grande satisfação.

Mas logo a missa de vésperas terminou, as pessoas se dispersaram sem fazer barulho, tudo ficou de novo escuro e vazio, caiu o silêncio que só se encontra nas estações distantes, isoladas no campo ou na floresta, quando o vento uiva baixinho, não se ouve mais nada e se sente todo aquele vazio em volta, toda a melancolia da vida que flui lentamente.

Matviei morava perto da estação, na estalagem de seu primo. Mas não tinha vontade de ir para casa. Sentou-se diante do balcão de um botequim e contou a meia-voz:

— Na nossa fábrica de azulejos, tínhamos um coro. E devo dizer ao senhor que, embora não fôssemos mais do que simples artesãos, cantávamos esplendidamente, como manda o figurino. Muitas vezes nos convidavam para ir à cidade e, quando o vigário monsenhor Ioan dignou-se a rezar uma missa na igreja da Trindade, os cantores do bispo cantaram no coro da direita e nós, no da esquerda. Só que na cidade se queixavam de que nós cantávamos por tempo demais: os operários, diziam eles, se alongam muito. Era verdade, nós começávamos a Vigília de Santo André e os Laudes antes das sete horas e acabávamos depois das onze, e com isso, às vezes, só chegávamos à fábrica depois do meio-dia. Como era bom! — suspirou Matviei. — Era mesmo ótimo, Serguei Nicanoritch! Mas aqui, na casa paterna, não existe alegria nenhuma. A igreja mais próxima fica a cinco versts, tenho a saúde fraca e não posso ir até lá, nem mesmo há cantores. Além disso, não existe paz na nossa família, é briga o dia inteiro, palavrões, imundície, todos comem na mesma tigela, que nem mujiques, e tem barata na sopa... Deus não me deu saúde, se não fosse isso, eu já teria ido embora há muito tempo, Serguei Nicanoritch.

Matviei Terekhov ainda não era velho, tinha uns quarenta e cinco anos, mas sua aparência era doentia, tinha rugas no rosto

e uma barbicha rala, translúcida, já totalmente grisalha, e isso o envelhecia muitos anos. Falava com voz fraca, cautelosa, quando estava, segurava o peito com as mãos e, nessa hora, seu olhar tornava-se inquieto e alarmado, como o dos hipocondríacos. Nunca dizia de forma clara o que lhe doía, mas gostava de contar detalhadamente como, certa vez, na fábrica, levantou um caixote pesadíssimo e ficou arrasado, e como por isso teve uma hérnia estrangulada, que o obrigou a largar o trabalho na fábrica de azulejos e voltar para sua terra natal. Mas o que significava hérnia estrangulada, isso ele não sabia explicar.

— Para ser franco, não gosto do meu primo — prosseguiu ele, servindo-se de uma xícara de chá. — É o meu primo mais velho, é pecado falar mal dele, e sou temente a Deus nosso Senhor, mas não consigo me conter. É um homem arrogante, duro, ultrarigido, um tirano com os parentes e os empregados, nunca vai ao confessional. Domingo passado, pedi amistosamente: “Irmãozinho, vamos à missa em Pakhómov!” . E ele: “Não vou. O padre de lá é viciado em jogar cartas”. E hoje não veio aqui porque, diz ele, o sacerdote de Vedeniápino fuma e bebe. Não gosta do clero! Ele mesmo, em casa, reza a missa, as horas e as vésperas, e a irmãzinha, a seu lado, faz as vezes de sacristão. Ele diz: “Oremos a Deus!”. E ela, com uma vozinha fina, como a de uma perua, responde: “Senhor, tende piedade de nós!”. É um verdadeiro pecado. Todo dia, falo para ele: “Crie juízo, irmãozinho! Arrependa-se, irmãozinho!”. Mas ele não dá atenção.

Serguei Nicanoritch, o homem que servia no balcão, encheu cinco copos de chá e os levou em uma bandeja para a sala das senhoras. Mal entrou ali, ouviu um grito:

— Olha como você serve, seu focinho de porco! Não sabe servir os fregueses?

Era a voz do chefe da estação. Ouviu-se um balbucio tímido, depois de novo um grito, raivoso e cortante:

— Fora daqui!

O garçom voltou bastante embaraçado.

— Houve um tempo em que eu agradava a condes e príncipes — comentou ele, em voz baixa. — Mas agora, veja só, não sei nem servir o chá... Imagine, gritar insultos diante de um sacerdote e de senhoras.

O garçom Serguei Nicanoritch, em outros tempos, possuía muito dinheiro e tivera uma cantina em uma estação de primeira classe, em uma capital de província, onde se cruzavam duas estradas de ferro. Naquela época, vestia fraque e usava um relógio de ouro. Mas os negócios correram mal, ele gastou todo o dinheiro em um luxuoso serviço de mesa, os empregados o roubaram e, vendo as coisas cada vez mais complicadas, acabou mudando para outra estação, menos movimentada; lá, sua esposa fugiu e levou consigo toda a prataria, e ele se transferiu para uma terceira estação, um pouco pior, onde os pratos já não eram servidos quentes. Em seguida, foi para uma quarta estação. Mudando de lugar com frequência e baixando de nível cada vez mais, por fim foi cair na estação de Progónaia e ali só vendia chá, vodka barata e, como entrada, servia ovos cozidos e um chouriço duro, que tinha gosto de piche e que ele mesmo, de zombaria, chamava de “chouriço de músico”. Serguei Nicanoritch tinha uma calva em toda a parte superior da cabeça, olhos azuis saltados e suíças densas e peludas, que a todo instante cofiava com o pente, mirando-se em um espelhinho. As recordações do passado o consumiam sem cessar, Serguei Nicanoritch não conseguia de modo algum habituar-se ao “chouriço de músico”, à grosseiria do chefe da estação e aos mujiques que pechinchavam muito,

pois, a seu ver, pechinchar na cantina era tão indecoroso quanto pechinchar na farmácia. Tinha vergonha da pobreza e da humilhação, e essa vergonha era agora a questão mais importante da sua vida.

— Este ano, a primavera está atrasada — disse Matviei, apunhando o ouvido. — Tanto melhor: não gosto da primavera. Na primavera, há muita lama e sujeira, Serguei Nicanoritch. Nos livros, costumam dizer: “primavera, os passarinhos cantam, o sol brilha”, e o que há nisso de tão agradável? Um passarinho é só um passarinho e mais nada. Prefiro a vida social, escutar as pessoas, conversar sobre religião, cantar em coro alguma coisa agradável, mas quanto a esses rouxinóis e a essas florezinhas, Deus me livre!

Recomeçou a falar da fábrica de azulejos, do coro, mas o ultrajado Serguei Nicanoritch não conseguia de maneira nenhuma se acalmar e o tempo todo encolhia os ombros e resmungava alguma coisa. Matviei despediu-se e foi para casa.

O frio não era muito forte e, nos telhados, o gelo já derretia, mas ainda caíam flocos de neve graúdos; rodopiavam depressa no ar e as nuvens brancas que formavam perseguiam-se umas às outras sobre o leito da estrada. Do bosque de carvalhos, que se estendia dos dois lados da estrada de ferro, mal iluminado pela lua oculta em algum ponto atrás das nuvens, vinha um ruído áspero, arrastado. Como as árvores parecem assustadoras quando a tempestade forte as sacode! Matviei caminhava pela estrada ao longo da ferrovia, protegia o rosto, escondia as mãos e o vento o empurrava pelas costas. De repente, apareceu um cavalo pequeno, coberto de neve, um trenó na estrada de pedras nuas e um mujique com a cabeça agasalhada, todo branco também, que golpeou o cavalo com o chicote. Quando Matviei olhou para trás, já não viu nem trenó, nem mujique, como se tudo tivesse

sido apenas uma ilusão momentânea, e acelerou o passo, subitamente assustado, sem saber com o quê.

Eis que surgiu à sua frente a passagem de nível e a casinha escura onde mora o guarda-linha. A cancela levantou, verdadeiras montanhas de neve aglomeravam-se em redor e nuvens de flocos de neve rodopiavam como bruxas no sabá. A linha férrea era cortada por uma estrada velha e às vezes larga, ainda chamada de estrada principal. À direita, não longe da passagem, à beira da estrada, fica a taberna de Terekhov, que no passado tinha sido uma hospedaria. Ali, sempre brilha uma luzinha durante a noite.

Quando Matviei chegou a sua casa, em todos os quartos e mesmo na entrada, o cheiro de incenso era forte. Seu primo, Iákov Ivânitch, continuava ainda a celebrar as Vésperas. No oratório onde a cerimônia tinha lugar havia uma caixa de vidro com velhos ícones do tempo de seus avós, com adornos dourados, e tanto a parede da direita como a da esquerda estavam cheias de ícones pintados no estilo novo e no antigo, dentro ou fora das caixas de vidro. Sobre a mesa, coberta por uma toalha de mesa que vinha até o chão, havia uma imagem da Anunciação, uma cruz de madeira de cipreste e um pequeno incensório; ardiam velas de cera. Junto à mesa, estava um leitoril. Ao passar diante do oratório, Matviei se deteve e olhou pela porta. Iákov Ivânitch, naquele momento, lia junto ao leitoril; com ele, rezava a sua irmã Aglaia, uma velha alta e magrela, de vestido azul e com um xalezinho branco. Também estava ali a filha de Iákov Ivânitch, Dachutka, moça de dezoito anos, feia, toda cheia de sardas, descalça como de costume, e com a mesma roupa que usava para dar de beber aos animais, ao cair da noite.

— Glória a ti, que nos mostrou a luz! — proclamou Iákov Ivânitch, arrastando as sílabas e se inclinando até o chão.

Aglaia apoiou o queixo na mão e pôs-se a cantar com voz alta, esganiçada, monótona. No alto, acima do teto, ressoavam também algumas vozes confusas, como se ameaçassem ou presagassem alguma desgraça. No segundo andar, depois do incêndio ocorrido muito tempo antes, não morava ninguém, as janelas estavam pregadas com tábuas e no chão, entre as vigas, rolavam guatás vazias. O vento martelava e bramia, dava a impressão de que alguém corria e tropeçava nas vigas do piso.

Metade do andar térreo era ocupada pela taberna, na outra metade morava a família Terekhov, e assim, quando os viajantes embriagados faziam arruaça na taberna, ouvia-se tudo dos quartos, ouvia-se cada palavra. Matviei vivia ao lado da cozinha, em um quarto com um grande forno, onde antes, quando a casa era uma hospedaria, assavam pão todos os dias. Nesse mesmo quarto, atrás do forno, alojava-se Dachutka, que não tinha um quarto só para si. Ali, de noite, sempre cantava um grilo e os ratos circulavam agitados.

Matviei acendeu uma vela e começou a ler um livro, que o guarda da estação lhe havia emprestado. Enquanto continuava a ler, a prece terminou e todos foram dormir. Dachutka também se deitou. Na mesma hora, ela começou a roncar, mas logo acordou e disse, bocejando:

— Tio Matviei, você não devia acender a vela à toa.

— Esta vela é minha — respondeu Matviei. — Eu a comprei com o meu dinheiro.

Dachutka soltou um ligeiro rosnado e adormeceu de novo. Matviei ficou acordado por mais tempo ainda — não tinha vontade de dormir — e, concluída a última página, tirou um lápis da arca e escreveu no livro: “Eu, Matviei Terekhov, li este livro e ajuízo que é o melhor de todos os que já li, por conseguinte deixo

aqui lavrada minha gratidão ao sub-oficial da guarda da administração das estradas de ferro Kuzmá Nikoláiev Júkov, como proprietário da mencionada e inestimável obra". Considerava um dever de cortesia fazer inscrições como essa nos livros dos outros.

II

No dia da Anunciação, após a passagem do trem postal, Matviei sentou-se na cantina da estação, bebeu chá com limão e falou.

Ouviam-no o garçom e o guarda Júkov.

— Eu, devo assinalar para os senhores — comentou Matviei —, já na infância era apegado à religião. Tinha apenas doze anos e já lia o texto dos apóstolos na igreja, meus pais ficavam imensamente felizes e todo verão, em companhia da finada mãezinha, íamos à peregrinação. Naquela época, outros meninos cantavam, pescavam caranguejos, mas eu, enquanto isso, ficava com a mãezinha. Os adultos me aprovavam e eu mesmo achava agradável ter um comportamento tão bom. Quando a mãezinha me deu sua bênção para eu ir trabalhar na fábrica, eu cantava a voz de tenor no nosso coro, nos intervalos do serviço, e para mim não existia prazer maior do que esse. É óbvio que eu não bebia vodca, não fumava, conservava o meu corpo puro, mas essa orientação de vida, como se sabe, não agrada ao inimigo do gênero humano, e ele, o maldito, pôs mãos à obra para me perder e começou a perturbar minha cabeça, exatamente como faz hoje com o meu primo. Para começar, fiz promessa de não comer refeições completas nas segundas-feiras e de não ingerir carne em nenhum dia, e no geral, com o correr do tempo, passei a alimentar várias fantasias. Os santos padres determinaram que na primeira semana da quaresma até

o sábado só se deve comer pão ázimo, mas não é pecado para os trabalhadores e para as pessoas fracas beber chá, porém eu, até o domingo, não punha na boca nem uma migalha, e depois, durante toda a quaresma, não me permitia de maneira alguma tomar azeite, e na quarta-feira e na sexta-feira não comia rigorosamente nada. E assim também nos jejuns menos importantes. Naquele tempo, no jejum de São Pedro, os operários bebiam sopa de repolho com percas, enquanto eu, no meu canto, roía um pão torrado. A força varia de uma pessoa para outra, é natural, mas, no que me toca, digo o seguinte: os dias de jejum não eram difíceis para mim, eu até preferia que fossem mais rigorosos do que mais folgados. Só se sente vontade de comer nos primeiros dias do jejum, depois a pessoa se habitua, tudo se torna cada vez mais fácil e, veja bem, no fim de uma semana, a coisa até que não parece tão ruim assim, nas pernas há um torpor tão grande que dá a sensação de não se estar sobre a terra, mas sim sobre uma nuvem. Além disso, eu me impunha todo tipo de penitência: levantava-me de noite e ficava de joelhos, carregava pedras pesadas de um lugar para outro, andava descalço na neve e até prendia correntes no corpo. Só que, decorrido um certo tempo, fui um dia me confessar a um padre e então, de repente, me vi dominado por uma fantasia: aquele sacerdote, pensei, era casado, comilão e fumante; como ele poderia ouvir minha confissão e com que autoridade poderia absolver meus pecados se era mais pecador do que eu? Enquanto eu me abstinha até do azeite, ele com certeza comia esturjão. Procurei um outro padre, e esse, como se fosse de propósito, era balofo, vestia uma batina de seda que farfalhava como as roupas de uma senhora e além do mais cheirava a tabaco. Fui ao mosteiro para fazer o jejum que antecede a confissão e lá meu coração ficou inquieto, tudo dava a impressão de que os monges não viviam em con-

formidade com as regras monásticas. Depois disso, não consegui de maneira alguma encontrar uma missa que me agradasse: em um lugar, celebravam depressa demais; no outro, veja só, não cantavam como se deve; em um terceiro, o sacristão tinha a voz fanhosa... Um dia aconteceu, e que Deus perdoe este pobre pecador, de eu estar em uma igreja e meu coração tremer de cólera. Como se pode pensar em rezar desse jeito? E me parecia que as pessoas na igreja não faziam o sinal da cruz direito, não ouviam a missa direito; todos que eu olhava, ou estavam bêbados, ou eram comilões, ou fumantes, ou depravados, ou viciados em jogar baralho, e só eu vivia de acordo com os mandamentos. O demônio é astuto e não dorme, tudo isso cresceu em mim cada vez mais, parei de cantar no coro e já não tinha vontade nenhuma de ir à igreja; eu me imaginava como um homem virtuoso e a igreja, por sua imperfeição, não servia para mim, ou seja, à semelhança do anjo decaído, eu, em meu orgulho, me julgava de um primor inconcebível. Depois disso, comecei a tomar algumas iniciativas para criar a minha própria igreja. Aluguei de uma pequeno-burguesa surda um aposento minúsculo, longe da cidade, perto do cemitério, e montei um oratório, tal como na casa do meu primo, só que eu tinha castiçais e um turíbulo de verdade. Nesse meu santuário, eu seguia os preceitos dos mosteiros do monte Athos, ou seja, todo dia as matinas começavam obrigatoriamente à meia-noite e, nas doze festas mais veneráveis, as vésperas duravam dez ou mesmo doze horas. Todavia, enquanto os monges, segundo as regras, por ocasião da leitura dos Salmos e do Velho Testamento, podem ficar sentados, eu queria ser mais agradável a Deus do que eles e me mantinha de pé o tempo todo. Lia e cantava com voz arrastada, com lágrimas, suspiros, de braços erguidos, e logo depois da prece, sem

que dormir, eu ia para o trabalho e não parava de rezar, mesmo durante o serviço. Assim, a notícia correu pela cidade: Matviei é santo, Matviei cura os doentes e os loucos. É claro que não curei ninguém, mas é sabido que, tão logo surge um cisma e uma heregia, as mulheres não dão mais sossego. Ficam iguais a moscas no mel. Diversas mulheres do povo, jovens e velhas, acostumaram-se a vir me visitar, punham-se aos meus pés para me saudar, beijar minhas mãos e gritavam que eu era um santo e assim por diante, e uma delas chegou ao ponto de enxergar uma auréola na minha cabeça. O oratório começou a ficar pequeno, aluguei um cômodo maior e entre nós formou-se uma autêntica torre de Babel, o demônio se apossou de mim definitivamente e, com seus pés de casco fendido, vedou a luz dos meus olhos. Era como se tivéssemos todos ficado possessos. Eu lia as orações, as mulheres jovens e velhas cantavam e, desse modo, por ficarem muito tempo sem comer e sem beber, por permanecerem de pé entre e quatro horas seguidas ou mais, elas de repente começavam a ter uma tremedeira, como que atacadas pela febre, depois disso uma mulher aqui e outra ali deixavam escapar um grito, e era medonho! Eu também me sacudia todo, como um judeu na frigideira, e nem mesmo sabia por que razão, e nossas pernas começavam a pular. Espantoso, de fato: sem que a gente quisesse, as pernas pulavam e os braços abanavam; e, depois disso, entre gritos e vozes csganiçadas, todos dançávamos e corríamos uns atrás dos outros, corríamos até não agüentar mais. Dessa forma, em meio a um desvario selvagem, eu me afundei na depravação.

O guarda pôs-se a rir. Porém, ao notar que mais ninguém ria, ficou sério e disse:

— É a seita dos bebedores de leite. Li que no Cáucaso são todos assim.

— Mas nenhum raio veio me fulminar — prosseguiu Matviei, depois de fazer o sinal da cruz, voltado para o ícone, e de movimentar os lábios rapidamente. — No outro mundo, minha falecida mãezinha deve ter rezado por mim. Quando todos na cidade já me veneravam como a um santo e até as damas e os senhores nobres haviam começado a me visitar às escondidas, em busca de consolo, certo dia fui à casa do nosso senhorio, Óssip Varlâmitch, pedir perdão, pois era o dia do perdão, e ele então fechou a porta a chave e ficamos nós dois sozinhos, cara a cara. E ele começou a me recriminar severamente. Tenho de salientar para os senhores que Óssip Varlâmitch não possuía instrução, mas era um homem de vasta inteligência e todos o respeitavam e temiam, porque levava uma vida austera, piedosa e era muito trabalhador. Tinha sido prefeito da cidade e estaroste durante uns vinte anos, talvez, e fez muita coisa boa; calçou de cascalho a rua Novo-Moscóvskaia inteira, pintou a catedral e revestiu as colunas com uma imitação de malaquita. Porém, depois de trancar a porta, ele me disse: “Há muito tempo que quero pôr minhas mãos em você, seu isso e aquilo... Você acha que é um santo? Não, você não é santo coisa nenhuma, mas sim um apóstata, um herege e um canalha!”. E continuou a falar assim por muito tempo... Não sou capaz de expressar para os senhores o modo como ele falava, tinha um jeito intelectual, como se lesse em um livro, e era muito comovente. Falou durante duas horas. Ele me impressionou com as suas palavras, os meus olhos se abriram. Eu ouvi, ouvi e de repente me pus a soluçar! “Seja um homem comum”, disse ele, “coma, beba, vista-se e reze como todo mundo, tudo que estiver fora do habitual vem do diabo. As suas correntes”, disse ele, “vêm do diabo, os seus jejuns vêm do diabo, o seu oratório vem do diabo; tudo isso é vaidade”, disse ele. No

dia seguinte, a primeira segunda-feira da quaresma, Deus me fez um doente. Fiquei abatido, levaram-me ao hospital; eu sofria ao extremo, chorava amargamente e tremia. Pensei que, do hospital, fui direto para o inferno e por pouco não morri. Padei no leito da minha enfermidade durante seis meses e, logo que recebi alta, passei a cumprir minhas devoções da maneira devida e me tornei de novo um homem. Óssip Varlâmitch me mandou de volta para minha casa, e disse: “Lembre-se, Matviei, aquilo que está fora do habitual vem do diabo”. E agora eu como e bebo, igual a todo o mundo, e rezo, igual a todo o mundo... Se agora, por acaso, encontro um padre que cheira a tabaco ou a vinho, não me arrompo o direito de condená-lo, porque um padre é um homem como qualquer outro. Mas, assim que começam a espalhar que apareceu um santo em uma cidade ou em uma aldeia, um homem que dizem ficar semanas sem comer e que estabeleceu regras próprias de culto, já sei de onde vem tudo isso. Eis aí, meus senhores, a história da minha vida. Agora eu também, como Óssip Varlâmitch, não canso de dar bons conselhos ao meu irmãozinho e à minha irmãzinha, e os repreendo, mas é o mesmo que pregar no deserto. Deus não me deu esse dom.

O relato de Matviei, pelo visto, não causou nenhuma impressão. Serguei Nicanoritch não disse nada e começou a retirar do balcão o antepasto, enquanto o guarda pôs-se a comentar como o primo de Matviei, Iákov Ivânitch, era rico.

— Ele possui pelo menos uns trinta mil rublos — disse.

O guarda Júkov era ruivo, de cara redonda (quando andava, as bochechas tremiam), saudável, bem nutrido e, quando não estava em presença de seus superiores, costumava sentar-se à vontade, de pernas cruzadas; conversando, se balançava, assoviava com indolência e, nessas ocasiões, tinha no rosto um ar de satisfação consigo

mesmo, uma expressão de saciedade, como se tivesse acabado de comer. Possuía algum dinheiro e este era um assunto de que falava com ares de grande entendedor. Trabalhava na área de corretagem e, quando se precisava de alguém para vender uma propriedade, um cavalo ou uma carruagem de segunda-mão, procuravam por ele.

— Pois é, trinta mil, é possível — concordou Serguei Nicanoritch. — O avô do senhor possuía uma enorme fortuna — disse ele, dirigindo-se a Matviei. — Enorme! Depois, tudo ficou para o pai e para o tio do senhor. O pai morreu muito moço e, depois dele, o tio tomou posse de tudo e em seguida, como se sabe, passou tudo para Iákov Ivânitch. Enquanto o senhor ia com sua mãezinha à peregrinação e cantava a voz de tenor no coro da fábrica, aqui, na sua ausência, eles não cochilavam.

— A parte da herança que cabe ao senhor é de quinze mil — disse o guarda, balançando-se na cadeira. — A taberna pertence aos dois, igualmente, assim como o capital. Pois bem. No lugar do senhor, eu já teria há muito tempo recorrido à justiça. Eu teria entrado na justiça, não há a menor dúvida, mas enquanto isso eu me poria frente a frente com esse sujeito e esmurraria a cara dele até sangrar...

Não gostavam de Iákov Ivânitch porque, se alguém não professa a mesma fé que os demais, inquieta e desagrada até as pessoas indiferentes em matéria de religião. Além disso, o guarda não gostava de Iákov porque ele também vendia cavalos e carruagens de segunda-mão.

— O senhor não tem vontade de entrar na justiça contra o seu primo porque o senhor tem bastante dinheiro — disse o garçom para Matviei, olhando para ele com inveja. — Para quem tem recursos, não há problema, mas eu, na certa, vou acabar morrendo nesta mesma situação...

Matviei apressou-se em garantir que não tinha dinheiro, de maneira alguma, mas Serguei Nicanoritch já não o escutava; invadiam-no recordações do passado, as ofensas que tinha de aturar todos os dias; sua cabeça calva transpirava, ele enrubescceu e começou a piscar os olhos.

— Vida desgraçada! — exclamou com desgosto e atirou um chouriço contra o chão.

III

Diziam que a hospedaria tinha sido construída, ainda no tempo de Alexandre I, por uma certa viúva que morou ali com o filho; a viúva se chamava Avdótia Terekhova. Para aqueles que às vezes passavam por ali na carruagem postal, sobretudo nas noites de luar, a imagem da hospedaria escura com a varanda e os portões constantemente fechados despertava um sentimento de enfado e de vaga inquietação, como se ali morassem bruxos ou bandoleiros; e toda vez, assim que passava, o cocheiro olhava para trás e apressava os cavalos. Ninguém tinha vontade de parar, pois os hospedeiros sempre se mostravam intratáveis e cobravam muito caro dos viajantes. O pátio vivia enlameado, mesmo no verão; no meio do barro, jaziam porcos enormes e gordos, vagueavam cavalos sem cabresto que os Terekhov revendiam, e muitas vezes acontecia que os cavalos, com saudades do lar, fugiam do terreiro e, como loucos, corriam desembastados pela estrada, assustando os viajantes. No passado, havia muito movimento naquele lugar; passavam longos comboios que transportavam mercadorias e ocorreram ali diversos casos, como aquele, por exemplo, de trinta anos atrás, em que alguns comboieiros enraivecidos começaram uma briga e mataram

um comerciante que estava de passagem, e até hoje se pode ver, a mncia versta da hospedaria, uma cruz tombada; passavam tróicas postais com sinetas, pesadas segas de fidalgos próprias para se dormir durante a viagem e, entre mugidos e nuvens de poeira, grandes boiadas.

Quando construíram a estrada de ferro, surgiu inicialmente nesse lugar uma pequena parada, chamada simplesmente de desvio, e só depois de uns dez anos construíram a atual estação de Progónaia. O movimento pela antiga estrada postal cessou quase de todo; a partir daí, só transitavam fazendeiros e mujiques da região e, no outono e na primavera, hordas de trabalhadores. A hospedaria se transformou em uma taberna; o andar de cima se incendiou, o telhado ficou amarelado de ferrugem, a varanda desmoronava pouco a pouco e, na lama do pátio, deitavam e rolavam o tempo todo os porcos gordos, enormes, rosados e asquerosos. Como antes, alguns cavalos às vezes fugiam do terreiro e, desembestados, com a cauda erguida, galopavam pela estrada. Na taberna, vendiam chá, feno, aveia, farinha e também vodka e cerveja, para beber ali mesmo ou para levar; vendiam bebidas alcoólicas com cautela, para que nunca viessem cobrar a licença.

Os Terekhov sempre foram famosos pela religiosidade, tanto assim que eram até conhecidos pela alcunha de Beatos. Mas, talvez por viverem isolados como ursos, talvez por se esquivarem das pessoas e terem idéias muito próprias a respeito das coisas, eram propensos a devaneios e a inconstâncias em questões religiosas, e quase cada geração desenvolvia a sua fé particular. A velha Avdótia, que construiu a hospedaria, era da seita dos velhos-crentes, mas o filho e os dois netos (os pais de Matviei e Iákov) frequentavam a igreja ortodoxa, recebiam em sua casa membros do clero e oravam diante dos ícones novos com veneração igual à que

dedicavam aos ícones antigos; na velhice, o filho não comia carne, fez voto de silêncio, considerava um pecado conversar, os netos tinham a peculiaridade de não se limitarem a entender o que dizia o texto das Escrituras e sempre procuravam ali algum sentido oculto, acreditando que cada palavra sagrada devia encerrar um segredo. O bisneto de Avdótia, Matviei, desde a infância lutou contra as fantasias e por pouco não se perdeu; o outro bisneto, Iákov Ivânitch, era ortodoxo mas, depois da morte da esposa, de repente parou de ir à igreja e fazia suas orações em casa. Seguindo o exemplo, sua irmã Aglaia também se desencaminhou: não ia à igreja nem permitia que Dachutka fosse lá. A respeito de Aglaia, diziam também que na juventude ela talvez houvesse frequentado a seita dos flageladores, em Vedeniápino, que em segredo continuava a ser uma flagelante e que por isso andava com um lençinho branco.

Iákov Ivânitch era dez anos mais velho do que Matviei. Era um senhor bastante bonito, de estatura alta, barba vasta e grisalha, que batia quase na cintura, e sobrancelhas espessas que davam ao rosto um aspecto severo e até malvado. Costumava vestir um casaco comprido, pregueado na cintura, de boa lã de carneiro, ou uma peliça preta e curta à moda dos Romanov, e no geral procurava se apresentar limpo e decente; calçava galochas mesmo no tempo seco. Não ia à igreja porque, na sua opinião, lá não seguiam as regras de modo correto, porque os sacerdotes bebiam vinho nos dias não recomendados e fumavam tabaco. Em casa, lia as orações e cantava em companhia de Aglaia todos os dias. Em Vedeniápino, nunca liam o cânon nas matinas e não celebravam missa nas vésperas, nem mesmo nos principais dias santos. Mas em sua casa recitavam todas as orações devidas, de acordo com o dia, não pulavam nem uma linha, não apressavam a leitura e, quando tinham

tempo livre, liam em voz alta as vidas dos santos. No dia-a-dia, Iákov obedecia estritamente às regras; de tal modo que, se as regras permitiam que, durante a quaresma, em um dia determinado e "em virtude de um trabalho árduo", as pessoas bebessem vinho, ele bebia, mesmo que não tivesse vontade.

Iákov lia as orações, cantava, acendia incensos e jejuava, não com o intuito de receber alguma bênção de Deus, mas por respeito às regras. O homem não pode viver sem fé, e a fé deve se manifestar da forma correta, conforme o ano, conforme o dia, sempre segundo o regulamento estabelecido, para que toda manhã e toda noite o homem se dirija a Deus exatamente com as palavras e os pensamentos adequados ao dia e à hora. É preciso viver e, portanto, rezar de um modo que agrade a Deus, e por essa razão todo dia deve-se ler as orações e cantar apenas aquilo que agrada a Deus, ou seja, aquilo que está prescrito nas regras; desse modo, deve-se ler o primeiro capítulo de João apenas no dia da Páscoa; e, na Páscoa e na Ascensão, não se pode cantar "Louvado seja", e assim por diante. A consciência desses preceitos e da sua importância proporcionava a Iákov Ivânitch uma grande satisfação na hora das preces. Quando, por necessidade, ele se via obrigado a transgredir essas regras, por exemplo, quando tinha de ir à cidade para comprar mantimentos ou ir ao banco, os remorsos o atormentavam e ele se sentia infeliz.

O primo Matviei, que um dia, de surpresa, voltara da fábrica e se instalara na taberna como se fosse a sua casa, transgrediu as regras desde os primeiros dias. Matviei não queria orar junto com eles, comia e bebia chá fora das horas permitidas, levantava-se tarde, bebia leite na quarta e na sexta-feira, alegando ter a saúde fraca; quase todo dia, na hora das orações, Matviei entrava no oratório e gritava: "Crie juízo, irmãozinho! Arrependa-se,

irmãozinho!". Ao ouvir essas palavras, Iákov Ivânitch ardia de raiva e Aglaia, sem conseguir conter-se, começava a discutir. Ou então, à noite, aproximando-se sorrateiramente, Matviei entrava no oratório e falava em voz baixa: "Irmãozinho, a sua prece não é agradável a Deus. Porque está escrito: primeiro se reconcilie com o seu irmão e depois faça a sua oferenda. Você empresta dinheiro a juros e vende vodca. Arrependa-se!".

Nas palavras de Matviei, Iákov só enxergava os subterfúgios habituais das pessoas fúteis e indolentes, que falavam de amor ao próximo, de reconciliação com o seu irmão e assim por diante, unicamente para não ter de rezar, não ter de jejuar e ler os livros sagrados, e se referiam com desprezo ao lucro e aos juros apenas porque não gostavam de trabalhar. Pois ser pobre, não possuir nada e não fazer economias é muito mais fácil do que ser rico.

Mesmo assim Iákov ficava perturbado, não conseguia mais rezar como antes. Mal entrava no oratório e abria o livro, começava a temer que a qualquer momento o primo fosse surgir para importuná-lo; e, de fato, Matviei não demorava a aparecer e gritar com voz trêmula: "Crie juízo, irmãozinho! Arrependa-se, irmãozinho!". A irmã insultava Matviei, Iákov também perdia a cabeça e gritava: "Ponha-se para fora da minha casa!". E o outro respondia: "Esta casa é de nós dois".

Iákov recomeçava a ler e a cantar, mas não conseguia mais se acalmar e de repente, sem perceber, perdia-se em devaneios, debruçado sobre o livro; embora considerasse bobagens as palavras do primo, por algum motivo ele também passara ultimamente a recordar que é difícil para um rico entrar no reino dos céus; que dois anos atrás ele comprara muito barato um cavalo roubado; que certa vez, na taberna, ainda no tempo da sua falecida esposa, um bêbado morreu de tanto tomar vodca...

De noite, agora, ele dormia mal, tinha o sono leve e podia ouvir como Matviei também não dormia, suspirava o tempo todo, com saudades da época em que trabalhava na fábrica de azulejos. E Iákov, enquanto se revirava na cama de um lado para o outro, a noite inteira, não tirava da lembrança o cavalo roubado, o bêbado e as palavras do Evangelho sobre o camelo e o buraco da agulha.

Tinha a impressão de que seus devaneios recomeçavam. Como que de propósito, a despeito de março já estar no fim, a neve caía todo dia e a floresta farfalhava como se fosse inverno, custava crer que a primavera pudesse um dia começar. O tempo induzia ao enfado, à irritação e ao ódio, e à noite, quando o vento zunia sobre o teto, parecia que alguém morava lá em cima, no andar vazio, e os devaneios pouco a pouco se acumulavam no espírito, a cabeça ardia e Iákov não tinha vontade de dormir.

IV

Na segunda-feira santa, pela manhã, Matviei ouviu do seu quarto o que Dachutka dizia para Aglaia:

— O tio Matviei falou que isso é bobagem, que não é preciso jejuar.

Matviei recordou a conversa inteira que tivera com Dachutka, na véspera, e de repente sentiu-se ofendido.

— Menina, não cometa esse pecado! — disse ele, com um gemido na voz, como se estivesse doente. — O jejum é necessário. Nosso Senhor mesmo jejuou quarenta dias. Eu apenas expliquei a você que o jejum não traz proveito às pessoas más.¹

¹ A palavra russa pode significar tanto “más” quanto “magras”. (N. T.)

— Continue dando ouvidos aos operários, eles é que ensinam coisas boas — retrucou Aglaia em tom de troça, enquanto lavava o chão (nos dias de semana, costumava lavar o chão e, enquanto fazia isso, zangava-se com todo o mundo). — A gente sabe muito bem como é que eles jejuam lá na fábrica. Pode perguntar ao seu tio, pergunte sobre a queridinha dele, pergunte como seu tio e ela, aquela víbora, se entupiam de leite nos dias de jejum. Ele quer ensinar aos outros, mas se esqueceu da víbora. E pergunte também para quem seu tio entregou o dinheiro dele, hem, para quem?

Matviei, com cuidado, como se fosse uma ferida imunda, escondia de todos que naquele mesmo período da vida em que, na hora das orações, moças e velhas vinham pular e correr em sua companhia, ele mantivera uma ligação com uma jovem pequenoburguesa, com a qual teve um filho. Quando voltou para casa, Matviei deu a essa mulher tudo o que economizara na fábrica e, para a sua viagem, pediu dinheiro emprestado ao patrão, e agora não possuía mais do que uns poucos rublos, com que pagava o chá e as velas. A “queridinha”, mais tarde, comunicou-lhe que a criança havia morrido e perguntava, na carta, o que devia fazer com o dinheiro. Foi um operário que trouxe a carta da estação, Aglaia a interceptou, leu de ponta a ponta e a partir daí, todos os dias, provocava Matviei por causa da sua “queridinha”.

— Uma ninharia, novecentos rublos! — continuou Aglaia. — Deu novecentos rublos para uma estranha, para uma víbora, uma besta de carga da fábrica, ora, eu quero mais é que você arrebente! Ela se descontrolou e agora gritava com voz esganiçada. — Não vai falar nada, não, é? Eu era capaz de fazer você em pedacinhos, seu crápula! Novecentos rublos, como se fossem alguns copeques! Você podia ter deixado o dinheiro para Dachutka, uma pessoa da família, e não para uma estranha, ou então podia mandar para

Belev, para os órfãos infelizes de Maria. E a sua víbora nunca se farta. Que seja três vezes maldita, esse anátema, esse satanás, que seus olhos não cheguem a ver o dia da Páscoa!

Iákov Ivânitch chamou-a; estava na hora de começar o livro de horas. Ela se lavou, pôs um lencinho branco na cabeça e foi para o oratório, ao encontro do seu irmão amado, já calma, discreta. Quando falava com Matviei ou servia chá aos mujiques na taberna, Aglaia parecia uma velhinha descarnada, de olhar penetrante e ar maligno; no oratório, porém, seu rosto tornava-se puro, enternecido, toda ela parecia rejuvenescer, fazia reverências com afetação e chegava a pôr os lábios em forma de coração.

Iákov Ivânitch começou a ler o livro de horas em voz baixa e melancólica, como sempre fazia na quaresma. Depois de ler um pouco, parou para escutar a tranqüilidade que reinava em toda a casa e depois recomeçou a ler, com um sentimento de satisfação; juntou as mãos com ar de súplica, fez rolar os olhos, meneou a cabeça, suspirou. Mas de repente ouviram-se vozes. O guarda e Serguei Nicanoritch vieram visitar Matviei. Iákov Ivânitch sentia-se constrangido de rezar em voz alta e cantar quando havia estranhos na casa, e agora, ao ouvir vozes, começou a ler em sussurros e devagar. Do oratório, deu para ouvir quando o garçom falou:

— O tártaro em Chiopov está disposto a vender o negócio dele por mil e quinhentos rublos. Aceita receber quinhentos rublos agora e o restante em letras resgatáveis. Portanto, Matviei Vassílitch, se o senhor me julga merecedor de sua confiança, poderia emprestar-me esses quinhentos rublos. Pagarei ao senhor dois por cento ao mês.

— Mas eu não tenho dinheiro! — exclamou espantado Matviei. — Eu não tenho dinheiro nenhum!

— Dois por cento ao mês, é um dinheiro que o senhor vai ganhar sem fazer nenhum esforço — explicou o guarda. — Se o seu dinheiro ficar parado com o senhor, não vai servir para nada, só de alimento às traças.

Depois as visitas saíram e a casa ficou em silêncio. Porém, mal Iákov Ivânitch recomeçou a ler em voz alta e a cantar, ouviu-se uma voz na porta:

— Primo, por favor, me empreste os cavalos para eu ir a Vedeniápino!

Era Matviei. E o espírito de Iákov ficou de novo agitado.

— E em que cavalo você acha que vai até lá? — perguntou ele, depois de pensar um instante. — O empregado pegou o baio para levar o porco e eu vou usar a égua parida para ir a Chutiéikino, assim que eu terminar isto aqui.

— Primo, por que você pode dispor dos cavalos à vontade e eu não? — perguntou, irritado, Matviei.

— Porque eu não saio andando por aí à toa, mas sim a trabalho.

— Os bens da propriedade pertencem a nós dois, o que inclui os cavalos, e isso é uma coisa que você tem de entender, primo.

Ficaram em silêncio. Iákov não rezou mais e esperou que Matviei se afastasse da porta.

— Primo — disse Matviei. — Sou um homem doente, não quero os bens para mim, graças a Deus, pode tomar conta deles, mas me dê uma pequena parte para o meu sustento durante a minha doença. Faça isso, que eu vou embora daqui.

Iákov ficou em silêncio. Tinha muita vontade de se ver livre de Matviei, mas não podia dar dinheiro a ele, pois todo o capital estava no negócio; além disso, em toda a família dos

Terekhov ainda não houvera um só caso de divisão de bens entre herdeiros; dividir significava arruinar.

Iákov ficou em silêncio, esperando que Matviei sáísse, e o tempo todo vigiava a irmã, com medo de que ela se metesse na discussão e comesse outra briga, como a que tinha ocorrido de manhã. Quando, por fim, Matviei se foi, Iákov começou a ler as orações, mas já não tinha prazer nenhum, as reverências que fazia até o chão deixavam sua cabeça pesada, escureciam a visão e mal dava para ouvir a sua própria voz, baixa e melancólica. Quando esse abatimento de espírito lhe ocorria durante a noite, ele o explicava como falta de sono, mas durante o dia aquilo o assustou e Iákov começou a ter a impressão de que demônios haviam sentado sobre sua cabeça e seus ombros.

Depois de concluir a leitura do livro de horas, desgostoso e zangado, Iákov partiu para Chutiéikino. Ainda no outono, os escavadores haviam aberto um fosso perto da estação de Progónaia e comprado provisões na estalagem no valor de dezoito rublos. Agora era necessário procurar o empreiteiro em Chutiéikino e cobrar o pagamento. Com o calor e a nevasca, a estrada ficara em más condições, escura e esburacada, e em certos trechos começara a afundar; a faixa de neve nas margens estava em um nível mais baixo do que o meio da estrada, de modo que era preciso seguir como por um aterro estreito e era muito difícil desviar-se dos viajantes que vinham em sentido contrário. O céu ficou sombrio, embora fosse de manhã, e soprava um vento úmido...

Um comprido comboio cruzou com Iákov: mulheres que levavam tijolos. Iákov teve de dar passagem; seu cavalo recuou com a neve na altura da barriga, o trenó solitário inclinou-se para a direita, o próprio Iákov, para não cair, curvou-se

para a esquerda e se manteve nessa posição enquanto o comboio se deslocava lentamente à sua frente; ouvia através do vento como os trenós rangiam, os cavalos magros resfolegavam e as mulheres diziam: "Lá vai o beato". Uma delas, depois de olhar com pena para o cavalo, falou depressa:

— Parece que vamos ter neve até o dia de Santo Iégor. (Que sofrimento!

Iákov, sentado de mau jeito, com o corpo dobrado, estreitava os olhos por causa do vento; à sua frente, desfilavam sem parar, ora os cavalos, ora os tijolos vermelhos. Talvez por não estar confortável e sentir uma dor no lado do corpo, de repente ficou aborrecido, o negócio que era o motivo da sua viagem lhe pareceu sem importância nenhuma e Iákov deu-se conta de que poderia mandar o empregado a Chutiéikino no dia seguinte. Por algum motivo, como na insônia da noite anterior, mais uma vez ele recordou as palavras do Evangelho sobre o camelo, depois invadiram sua cabeça diversas recordações, ora do mujique que vendeu o cavalo roubado, ora do bêbado, ora das mulheres que lhe entregavam um samovar como garantia de um empréstimo. Sem dúvida, todo vendedor se esforça para ganhar o máximo possível, mas Iákov sentiu-se farto de ser comerciante, teve vontade de ir embora para algum lugar bem longe de todas aquelas regras e se aborreceu com a idéia de que, ainda naquele dia, teria de rezar as vésperas. O vento batia direto no seu rosto, rumorejava na sua gola e parecia que era ele quem lhe sussurrava todos aqueles pensamentos, trazidos do vasto campo branco... Ao olhar para aqueles campos, que conhecia desde a infância, Iákov lembrou que essa mesma inquietação e esses mesmos pensamentos acudiram a ele na juventude, quando os devaneios o assaltaram e sua fé se abalou.

Seria horrível ter de ficar de novo sozinho no campo; Iákov mudou de direção e, em silêncio, veio atrás do comboio, as mulheres sorriram e disseram:

— O beato voltou.

Em casa, na época do jejum da quaresma, não cozinhavam nada, nem aqueciam o samovar, e por isso o dia parecia muito comprido. Iákov Ivânitch já retirara os arreios do cavalo havia muito tempo, deixara a farinha na estação, por duas ou três vezes começara a ler os salmos e ainda faltava muito para a noite chegar. Aglaia já havia lavado todo o chão e, por não ter mais nada para fazer, ficou no seu quarto arrumando um baú, cuja tampa, por dentro, estava toda coberta de rótulos de garrafa. Matviei, faminto e tristonho, ficava sentado, lendo, ou aproximava-se da estufa holandesa e contemplava demoradamente os ladrilhos, que o faziam lembrar-se da fábrica. Dachutka dormiu e depois, ao acordar, foi dar de beber às vacas. Quando tirava água do poço, a corda rompeu e o balde caiu no fundo. O empregado foi buscar a vara para retirar o balde e Dachutka o seguiu pela neve enlameada, descalça, com os pés vermelhos como patas de ganso, e repetia: “Tem um bloco de gelo!”. Queria dizer que, no poço, havia um bloco de gelo e por isso o balde não chegaria ao fundo, mas o empregado não a compreendeu e obviamente ela o aborrecia, pois de repente ele se voltou e xingou-a com palavras ruins. Iákov Ivânitch, que nesse momento saía para o pátio, ouviu Dachutka retrucar ao empregado com uma longa saraivada de palavrões bem escolhidos, que ela só poderia ter aprendido na taberna, com os mujiques bêbados.

— O que é isso, sua desavergonhada? — gritou para Dachutka, um pouco assustado. — Que palavras são essas?

Ela olhou para o pai com perplexidade, atônita, sem

entender por que não podia pronunciar aquelas palavras. Iákov quis passar um sermão na filha, mas ela lhe pareceu selvagem, ignorante e, pela primeira vez desde quando ela começou a viver em sua casa, Iákov compreendeu que Dachutka não tinha nenhuma. Toda aquela vida no mato, na neve, entre mujiques bêbados e palavrões, apresentou-se diante dele como algo tão selvagem e ignorante quanto aquela menina; em lugar de lhe pregar um sermão, Iákov limitou-se a abanar as mãos e voltar para o seu quarto.

Nesse momento, o guarda e Serguei Nicanoritch vieram de novo ao encontro de Matviei. Iákov Ivânitch lembrou-se de que essas pessoas também não tinham fé nenhuma e que isso não as inquietava em nada, e a vida então lhe pareceu algo estranho, insensato, sem nenhuma esperança, como a vida dos cães; saiu para o pátio, sem chapéu, depois tomou a estrada e caminhou de punhos cerrados — nesse instante, começaram a cair flocos de neve —, sua barba esvoaçava no vento, ele se sacudia sem parar, como se algo apertasse sua cabeça e seus ombros, como se demônios houvessem sentado sobre ele, e lhe pareceu que não era ele que caminhava, mas alguma fera, uma enorme e temível fera, e que, se ele comesse a gritar, sua voz ressoaria como um rugido que atravessaria todo o campo e a floresta e assustaria a todos...

V

Quando voltou para casa, o guarda já tinha ido embora, mas o garçom estava no quarto de Matviei e fazia contas em um ábaco. Antes, esse homem vinha à taberna muitas vezes, quase todo dia; naquela época, procurava Iákov Ivânitch, mas ultima-

mente só falava com Matviei. Não parava de fazer contas no ábaco, seu rosto estava tenso e suado, pedia dinheiro, ou então, alisando as suíças, contava como, em outros tempos, na estação de primeira classe, preparava salada de frutas ao rum para os oficiais e, nos jantares solenes, servia ele mesmo a sopa de peixe. No mundo, nada lhe interessava, exceto as cantinas, e só sabia falar de pratos, serviços de mesa, vinhos. Certa vez, ao servir chá para uma moça que amamentava um bebê, teve vontade de dizer a ela algo gentil e expressou-se da seguinte maneira:

— O seio da mãe é o balcão da cantina para o bebê.

Enquanto fazia contas no ábaco no quarto de Matviei, o garçom pedia dinheiro, falava que já não conseguia viver em Progónaia e repetiu várias vezes, em um tom de voz de quem vai começar a chorar:

— Para onde irei? Para onde irei agora, diga-me, por favor?

Em seguida, Matviei veio até a cozinha e começou a descascar batatas cozidas, que na certa escondera no dia anterior. Tudo estava em silêncio e Iákov Ivânitch teve a impressão de que o garçom fora embora. Já passara bastante da hora de começar a rezar as vésperas; Iákov chamou Aglaia e, pensando que não havia ninguém em casa, pôs-se a cantar bem alto, sem nenhum constrangimento. Cantava e rezava, porém no pensamento pronunciava palavras diferentes: “Senhor, perdoai! Senhor, salvai-me!”. E curvava-se até o chão, vezes seguidas, sem cessar, como se quisesse esgotar-se, e não parava de balançar a cabeça, enquanto Aglaia o observava surpresa. Iákov temia que Matviei surgisse de repente, estava convencido de que o primo ia aparecer e sentia por ele um ódio que nem orações nem contínuas reverências conseguiam aplacar.

Matviei, em silêncio, abriu a porta e entrou no oratório.

— Que pecado, mas que pecado! — disse, em tom de cengonha, e deu um suspiro. — Arrependa-se! Reconsidere suas idéias, irmãozinho!

Iákov Ivânitch, cerrando os punhos e sem olhar para ele, para não o esmurrar, saiu rapidamente do oratório. Experimentando, como pouco antes, na estrada, a sensação de ser uma fera enorme e temível, passou pelo vestibulo e entrou na sala cinzenta, quente, impregnada de fumaça e de bruma, onde os mujiques costumavam beber chá, e ali caminhou de um canto para o outro, por longo tempo, com passos tão pesados que a louça tilintava nas piateleiras e as mesas trepidavam. Era claro para Iákov que não tinha mais apreço pela sua fé e já não conseguia rezar como antes. Era preciso arrepender-se, era preciso reconsiderar suas idéias, criar milíto, viver e rezar de algum outro modo. Mas rezar como? Será que tudo isso não passa de uma perturbação criada pelo demônio, será que nada disso é necessário? Como agir? O que fazer? Quem poderia orientá-lo? Que desamparo! Iákov deteve-se e, segurando a cabeça entre as mãos, pôs-se a pensar, mas o fato de Matviei estar ali perto impedia que refletisse com tranqüilidade. Então, foi depressa para o quarto.

Matviei estava sentado na cozinha, diante de uma tigela com batatas, e comia. Aglaia e Dachutka, sentadas uma de frente para a outra junto à estufa, enrolavam linhas em novclos. Entre a estufa e a mesa, onde Matviei estava sentado, estendia-se uma tábua de passar; sobre ela, estava um ferro frio.

— Irmãzinha — pediu Matviei —, por favor, passe-me o azeite.

— Mas quem toma azeite em um dia como hoje? — perguntou Aglaia.

— Irmãzinha, não sou um monge, mas um leigo. E, por

causa da minha saúde fraca, não só posso tomar azeite como também posso tomar leite.

– Eu sei, lá na sua fábrica vocês podiam fazer tudo.

Aglaia pegou na prateleira a garrafa com azeite e a pôs diante de Matviei, batendo com raiva, com um sorriso maldoso, obviamente satisfeita por ele ser um homem tão pecador.

– Pois eu lhe digo, você não pode tomar azeite! – gritou Iákov.

Aglaia e Dachutka sobressaltaram-se, e Matviei, como se não tivesse escutado, verteu o azeite na tigela e continuou a comer.

– Pois eu lhe digo, você não pode tomar azeite! – gritou Iákov mais forte ainda, ficou todo vermelho e de repente apanhou a tigela, ergueu-a acima da cabeça e atirou-a contra o chão com tanta força que os cacos voaram para todos os lados. – Não se atreva a falar! – gritou Iákov com voz exaltada, embora Matviei não tivesse dito nenhuma palavra. – Não se atreva! – repetiu Iákov e bateu com o punho sobre a mesa.

Matviei empalideceu e se levantou.

– Irmãozinho! – disse ele, continuando a mastigar. – Irmãozinho, reconsidere suas idéias!

– Para fora da minha casa, neste minuto! – gritou Iákov; para ele, eram repugnantes o rosto enrugado de Matviei, a sua voz, as migalhas no seu bigode, a mastigação. – Para fora daqui, já disse!

– Irmãozinho, acalme-se! Um orgulho demoníaco se apoderou de você!

– Cale-se! – Iákov começou a bater os pés no chão. – Vá-se embora daqui, diabo!

– Se quer saber – continuou Matviei, com voz mais alta,

começando a se irritar também –, você é um apóstata e um herege. Demônios malditos ocultaram de seus olhos a luz verdadeira, seu oratório não é agradável a Deus. Arrependa-se, enquanto não é tarde! A morte de um pecador é atroz! Arrependa-se, irmãozinho!

Iákov segurou-o pelos ombros e o forçou a se levantar da mesa, enquanto Matviei ficava ainda mais vermelho e, assustado, atônito, começou a gaguejar “O que é isso? O que é isso?” – e, tentando-se, fazendo um esforço para se livrar das mãos de Iákov, sem querer agarrou a camisa dele, perto do pescoço, e rasgou a gola, Aglaia teve a impressão de que era Matviei quem queria bater em Iákov, gritou, apanhou a garrafa de azeite e, com toda a força, golpeou em cheio o crânio do primo odioso. Matviei vacilou, e seu rosto, no mesmo instante, ficou calmo, impassível; Iákov, ofegante, transtornado, satisfeito porque a garrafa, ao bater na cabeça de Matviei, emitira um grasnido como se estivesse viva, não deixou o primo cair e várias vezes (isso ele lembrava muito bem) acenou para Aglaia, apontando com o dedo para o ferro de passar, e só quando o sangue derramou-se nas suas mãos e se ouviu o choro alto de Dachutka, só quando a tábua de passar tombou com estrondo e Matviei desabou pesadamente sobre ela, só então Iákov parou de sentir ódio e compreendeu o que havia acabado de acontecer.

– Que ele morra de uma vez, o ganhão da fábrica! – exclamou Aglaia, com asco, sem largar o ferro de passar roupa; seu lençinho branco, salpicado de sangue, escorregou pelos ombros, os cabelos grisalhos se desmancharam. – Teve o que merecia!

Tudo era horrível. Dachutka, sentada no chão perto da estufa, com as linhas nas mãos, soluçava, curvava-se em gestos de

súplica, e a cada curvatura gemia “Hã! Hã!”. Mas nada pareceu tão horrível para Iákov quanto a visão das batatas cozidas no meio do sangue, no qual ele temia pisar, e havia uma outra coisa igualmente horrível, algo que o oprimia como um pesadelo e parecia ser o mais ameaçador, algo que ele, no primeiro instante, não conseguiu compreender. Era o garçom Serguei Nicanoritch, que estava na soleira da porta, com o ábaco nas mãos, muito pálido, e que olhava com horror o que se passava na cozinha. Foi só depois que ele deu as costas, seguiu depressa para o vestibulo e de lá saiu da casa, que Iákov compreendeu quem era e saiu atrás dele.

Limpando as mãos com a neve, enquanto caminhava, Iákov refletia. Veio-lhe a lembrança de que o seu empregado tivera permissão para ir pernoitar em sua casa, na aldeia, e já fazia muito tempo que partira; na véspera, tinham matado um porco e havia enormes manchas de sangue na neve, no trenó, e até um lado do parapeito do poço estava respingado de sangue; assim, mesmo que alguém visse toda a família de Iákov ensangüentada, nada disso pareceria suspeito. Ocultar o assassinato seria angustiante, mas pensar que o guarda da estação acudiria todo afoito, com assovios e sorrisos de troça, e que viriam também mujiques, que amarrariam com força as mãos de Iákov às mãos de Aglaia e em clima de triunfo levariam os dois até a sede da comarca e, depois, até a cidade, e que por todo o percurso as pessoas apontariam para ele e diriam alegremente que “estão levando os beatos!”, tudo isso pareceu a Iákov mais torturante do que qualquer outra coisa e ele desejou de toda maneira esticar o tempo, para que viesse a sofrer essa vergonha não agora, e sim mais tarde.

— Posso lhe emprestar mil rublos... — disse ele, quando alcançou Serguei Nicanoritch. — Se o senhor contar isso a alguém,

não vai trazer benefício nenhum... e o homem não vai mesmo resuscitar. — Mal conseguindo acompanhar os passos do garçom, que nem olhou para ele e se pôs a caminhar mais depressa ainda, Iákov continuou: — Posso até lhe dar mil e quinhentos rublos...

Parou, por que estava sem fôlego, e Serguei Nicanoritch seguiu em frente, mais ligeiro ainda, na certa com medo de que Iákov o assassinasse também. Depois que cruzou a linha do trem e atravessou metade da estrada que levava da passagem de nível até a estação, deu uma olhada rápida para trás e andou mais devagar. Na estação e acima dos trilhos, os lampiões já estavam acesos, vermelhos e dourados; o vento amainara, mas ainda nevava em flocos grossos e a estrada ficou branca novamente. No entanto, quando já estava quase chegando à estação, Serguei Nicanoritch deteve-se, refletiu um minuto e, com um gesto resolutivo, voltou atrás pelo mesmo caminho. O dia escureceu.

— Então me dê os mil e quinhentos rublos, Iákov Ivânitch — disse ele, em voz baixa, tremendo dos pés à cabeça. — Eu aceito.

VI

O dinheiro de Iákov Ivânitch estava no banco da cidade, já submetido a duas cauções; em casa, guardava muito pouco, só o necessário para tocar o negócio. Depois de entrar na cozinha, Iákov bateu em busca da lata em que ficavam os fósforos e, no instante em que brilhou a chama azul do enxofre, teve tempo de ver Matviei de relance, estirado no chão, como antes, perto da mesa, mas já coberto por um lençol branco; só se viam suas botas. Um grilo piou. Aglaia e Dachutka não se achavam nos quartos: as duas estavam sentadas na sala de chá, atrás do balcão, e em silêncio

enrolavam linhas em rombos. Iákov Ivânitch, com a lamparina na mão, foi para o quarto e retirou de baixo da cama um cofrezinho onde guardava o dinheiro para as despesas. Havia acumulado ao todo quatrocentos e vinte rublos em notas miúdas, e trinta e cinco rublos em moedas de prata; das cédulas, vinha um cheiro denso e desagradável. Depois de amontoar o dinheiro no chapéu, Iákov Ivânitch saiu para o pátio e em seguida atravessou o portão. Caminhava e olhava para os lados, mas não viu sinal do garçom.

— Ei! — gritou Iákov.

Na cancela junto à passagem de nível, destacou-se um vulto escuro, hesitante, que caminhou na direção dele.

— Por que você não pára de ir e vir pela estrada? — exclamou Iákov, aborrecido, depois de reconhecer o garçom. — Tome: aqui tem quase quinhentos... É tudo o que tenho em casa.

— Está bem... Muito obrigado ao senhor — balbuciou Serguei Nicanoritch, agarrando o dinheiro com sofreguidão e enfiando nos bolsos; tremia todo, percebia-se apesar da escuridão. — E o senhor, Iákov Ivânitch, pode ficar tranqüilo... Para que eu iria sair falando desse assunto por aí? No que me diz respeito, vim e fui embora. Como dizem, não sei de nada, não faço a menor idéia de coisa nenhuma... — E acrescentou, com um suspiro: — Vida desgraçada!

Ficaram calados um minuto, sem olhar um para o outro.

— E tudo aconteceu por causa de uma bobagem, só Deus sabe como... — disse o garçom, trêmulo. — Eu estava sentado, fazia minhas contas e, de repente, aquela gritaria... Espiei pela porta e o senhor, por causa do azeite... Onde ele está agora?

— Estirado lá na cozinha.

— Era melhor levá-lo para algum lugar... O que está esperando?

Iákov acompanhou-o calado até a estação, depois voltou para casa e atrelou o cavalo, a fim de levar Matvici para Limárovo. Decidiu transportá-lo até a floresta de Limárovo, deixar o corpo na estrada e depois dizer a todos que Matvici tinha ido para Vedeniápino e não voltara, e então as pessoas pensariam que ele tinha sido morto por passantes. Iákov sabia que isso não ia enganar ninguém, mas movimentar-se, fazer alguma coisa, manter-se ocupado era menos angustiante do que ficar quieto e esperar. Chamou Dachutka com um grito e, junto com ela, carregou Matvici. Aglaia ficou em casa para pôr a cozinha em ordem.

Quando Iákov e Dachutka voltaram, a cancela fechada na passagem de nível os deteve. Passava um trem de carga comprido, puxado por duas locomotivas, que bufavam com esforço e lançavam feixes de fagulhas vermelhas pela chaminé. Na passagem de nível, à vista da estação, a primeira locomotiva soltou um apito estridente.

— Apita... — falou Dachutka..

O trem, afinal, terminou de passar e o guarda não se apresou em erguer a cancela.

— É o senhor, Iákov Ivânitch? — disse ele. — Nem reconheci. É sinal de que vai ficar rico.

Depois, quando chegaram em casa, foram dormir. Aglaia e Dachutka deitaram-se lado a lado, acomodaram-se no chão da sala de chá e Iákov instalou-se no balcão. Não rezaram a Deus antes de deitar, nem acenderam a lamparina votiva. Os três não conseguiram dormir até de manhã, mas não pronunciaram uma palavra sequer e, durante toda a noite, tiveram a impressão de que alguém caminhava no andar de cima, que estava abandonado.

Após uns dois dias, vieram da cidade o comissário de polícia rural e o juiz de instrução, que procederam a uma busca,

primeiro no quarto de Matviei e depois em toda a taberna. Antes de qualquer pessoa, interrogaram Iákov, e ele fez ver que Matviei, na segunda-feira à tarde, partira para Vedeniápino a fim de jejuar antes de fazer a confissão, e que talvez serradores, que então trabalhavam na ferrovia, o tivessem matado. Quando o juiz de instrução lhe perguntou como se podia explicar o fato de Matviei ter sido encontrado no meio da estrada, se o seu chapéu estava em casa — seria possível que ele tivesse partido para Vedeniápino sem chapéu? E também por que motivo perto de Matviei, na estrada, sobre a neve, não encontraram nem um pingo de sangue, se ele tinha o crânio fraturado, além de ter o rosto e o peito enegrecidos de sangue. Iákov perturbou-se, confundiu-se e respondeu:

— Não posso saber.

E aconteceu exatamente aquilo que Iákov temia: chegou o guarda, o policial pôs-se a fumar no oratório e Aglaia disparou pragas contra ele, disse desaforos para o comissário de polícia rural, e depois, quando conduziram Iákov e Aglaia para fora do pátio, os mujiques aglomeraram-se no portão e disseram:

— Estão levando os beatos! — e todos pareciam contentes.

No interrogatório, o guarda afirmou sem rodeios que Iákov e Aglaia haviam matado Matviei para não ter de repartir os bens com ele; que Matviei tinha seu próprio dinheiro e que, se não o haviam encontrado por ocasião das buscas, obviamente era porque Iákov e Aglaia haviam-se apoderado de tudo. Também interrogaram Dachutka. Ela contou que o tio Matviei e a tia Aglaia trocavam insultos todo dia e por pouco não se agrediam por causa de dinheiro, e que o tio era rico, tanto assim que dera novecentos rublos de presente a uma certa queridinha sua.

Dachutka ficou sozinha na taberna; ninguém mais vinha

beber chá nem vodka, e ela ora arrumava os quartos, ora tomava um lanche e comia rosquinhas; mas, após alguns dias, interrogaram o guarda da passagem de nível e ele contou que, na segunda-feira à noite, viu Iákov e Dachutka juntos, de volta de Limárovo. Dachutka também foi detida, levada até a cidade e posta na prisão. Em pouco tempo, pelas declarações de Aglaia, ficou claro que Serguei Nicanoritch estava presente no momento do assassinato; fizeram uma busca em sua casa e encontraram dinheiro em um local fora do comum, dentro das botas de feltro, embaixo da estufa, e o dinheiro era todo trocado, só em notas de um havia trezentos rublos. Ele jurou por Deus que ganhara aquele dinheiro com o seu trabalho e que não ia à taberna havia mais de um ano, mas testemunhas revelaram que ele era pobre, que nos últimos tempos andava muito sem dinheiro e ia à taberna todos os dias, para pedir dinheiro emprestado a Matviei, e o guarda contou que, no dia do assassinato, ele mesmo acompanhara o garçom duas vezes até a taberna, a fim de ajudá-lo a obter um empréstimo. Lembraram-se, a propósito, de que na segunda-feira à noite Serguei Nicanoritch não apareceu na hora em que passou o trem de carga e de passageiros, estava em algum outro lugar. Ele também foi detido e levado para a cidade.

Onze meses depois, teve lugar o julgamento.

Iákov Ivânitch tinha envelhecido muito, emagrecera e só falava em voz baixa, como um doente. Sentia-se fraco, miserável, menor que todos os outros, e tinha-se a impressão de que, por causa dos tormentos da consciência e dos devaneios, que não o haviam abandonado nem na prisão, sua alma envelhecera e definhara tanto quanto o corpo. Quando soube que não ia à igreja, o presidente da corte lhe perguntou:

— O senhor é um rascolnita?

— Não sei dizer — respondeu ele.

Iákov não tinha mais fé nenhuma, não sabia nem compreendia nada e sua crença antiga lhe era agora repugnante, parecia algo absurdo, obscuro. Aglaia não se resignou absolutamente e continuou a xingar o falecido Matviei, culpando-o por todas as desgraças. No rosto de Serguei Nicanoritch, em lugar das suíças, cresceu uma barba; no julgamento, suava, corava e obviamente sentia-se envergonhado pelo roupão cinzento que vestia e por se sentar no mesmo banco em que estavam mujiques humildes. Defendeu-se desajeitadamente e, no intuito de provar que ficara um ano inteiro sem ir à taberna, discutiu em altos brados com todas as testemunhas, a platéia ria dele. Dachutka, enquanto esteve na prisão, engordou; no julgamento, não entendia as perguntas que lhe faziam e só sabia dizer que, quando mataram o tio Matviei, ficou muito assustada, e que depois disso passou.

Os quatro foram declarados culpados de homicídio com vista a bens alheios. Iákov Ivânitch foi sentenciado a vinte anos de trabalhos forçados; Aglaia, a treze anos e meio; Serguei Nicanoritch, a dez anos; Dachutka, a seis.

VII

Certa noite, na enseada de Dueski, na ilha de Sacalina, um vapor estrangeiro ancorou e solicitou carvão. Pediram ao comandante que esperasse amanhecer, mas ele não queria esperar nem uma hora, dizendo que, se o tempo piorasse durante a noite, correria o risco de ter de partir sem carvão. No estreito da Tartária, o tempo pode mudar abruptamente em meia hora, e então o litoral

de Sacalina torna-se perigoso. O ar havia esfriado e já se formavam ondas bastante fortes.

Da prisão de Voievódskaia, a mais miserável e severa das prisões de Sacalina, despacharam um grupo de detentos para uma mina. Tinham de encher barcas com carvão, depois rebocá-las com uma lancha a vapor até o navio, que estava a mais de meia milha da margem, e lá seria preciso começar o transbordo do carvão — um trabalho torturante, enquanto a barcaça se entrechoava com o navio e os trabalhadores mal conseguem se manter de pé, por causa do enjôo. Os forçados, cheios de sono, tirados da cama à força pouco antes, caminhavam pela margem, tropeçavam no escuro e tilintavam suas correntes. À esquerda, mal se enxergava um barranco alto e escarpado, extremamente sombrio; à direita, havia uma escuridão compacta, impenetrável, onde ficava o mar, que emitia um som prolongado e monótono, “ah... ah... ah... ah...”. Só quando o guarda fumava o cachimbo iluminavam-se, por um momento, o soldado com uma espingarda e dois ou três condenados próximos dele, com suas feições rudes, ou então, quando o guarda aproximava-se da água com a lanterna em punho, podia-se discernir a crista branca das ondas da margem.

Desse grupo fazia parte Iákov Ivânitch, apelidado de Vasoura pelos forçados, por causa da sua barba comprida. Fazia muito tempo que ninguém se dirigia a ele pelo nome ou pelo patronímico, e o chamavam simplesmente de Iáchka. Era tido em má conta porque, uns três meses depois de ser trazido à prisão, dominado por uma saudade intensa e irresistível da terra natal, Iákov cedeu à tentação e fugiu; logo o capturaram, condenaram-no a trabalhos forçados pelo resto da vida e lhe deram quarenta chibatadas; depois disso, ainda o castigaram mais duas vezes com vergastadas, por desperdício de roupas de propriedade pública,

embora em ambas as ocasiões tivesse sido roubado. A saudade da terra natal começou quando o levavam para Odessa e o trem de prisioneiros fez uma parada na estação de Progónaia, e Iákov, colando o rosto à janela, esforçou-se para avistar sua casa, sem enxergar nada no escuro.

Ele não tinha com quem conversar sobre sua terra. A irmã Aglaia fora levada para um campo de trabalhos forçados na Sibéria e não se sabia onde estava agora. Dachutka estava em Sacalina, mas fora entregue a um degredado para ser sua concubina, em uma aldeia distante; nunca chegavam notícias dela e apenas uma vez um prisioneiro, que veio parar na prisão de Voievódskaja, contou a Iákov que Dachutka já tinha três filhos. Serguei Nicanoritch trabalhava como laçao na casa de um funcionário, não longe dali, em Due, mas era inútil esperar que ele viesse vê-lo, pois Serguei Nicanoritch tinha vergonha de ser um conhecido de forçados de classe social inferior.

O grupo de forçados voltou da mina e acomodou-se no cais. Comentava-se que não haveria carregamento, pois o tempo piorava cada vez mais e o vapor preparava-se para partir. Viam-se três luzes. Uma delas se deslocava: era a lancha a vapor que tinha ido até o navio e agora, ao que parecia, já voltava a fim de comunicar se haveria trabalho ou não. Trêmulo com o frio do outono e com a umidade do mar, agasalhando-se na sua peliça curta e esfarrapada, Iákov Ivânitch olhava fixamente, sem piscar, na direção onde ficava sua terra natal. Desde o momento em que foi viver em uma prisão, em companhia de pessoas trazidas de todas as partes — russos, ucranianos, tártaros, georgianos, chineses, finlandeses, ciganos, judeus —, desde então, havendo escutado as suas conversas, encarado os seus sofrimentos, ele novamente começou a se voltar para Deus e lhe pareceu que, finalmente, experimen-

tava uma fé genuína, exatamente aquilo que tanto almejava, aquilo que por tanto tempo havia procurado e que nenhum de seus colegas encontrara, a começar pelo avó Avdótia. Agora sabia e compreendia tudo, onde estava Deus e como se devia servi-lo, mas só não conseguia entender por que o destino das pessoas era tão desigual, por que essa fé tão simples que alguns recebiam de Deus gratuitamente, junto com a vida, lhe havia custado tão caro que, só de pensar em todos os horrores e tormentos que, pelo resto, haviam de continuar sem pausa até a morte, suas pernas e seus braços tremiam, como os de um bêbado. Mirava atentamente a escuridão e lhe parecia que, através de milhares de versos desse negror, avistava sua terra natal, sua província, seu distrito, a estação de Progónaia, via as trevas, a barbárie, a crueldade e a indiferença obtusa, implacável e bestial das pessoas que deixara lá, sua visão nublou-se com as lágrimas, mas mesmo assim continuou a olhar para longe, onde a muito custo viam-se brilhar as luzes pálidas do vapor, e o coração se apertou de saudade da sua terra, e ele teve vontade de viver, de voltar para casa e, uma vez lá, falar a todos da sua nova fé e salvar pelo menos um homem da perdição e viver sem sofrimentos, ainda que por um dia apenas.

A lancha a vapor chegou e o guarda declarou em voz alta que não haveria carregamento.

— Voltar! — comandou o guarda. — Em silêncio!

Ouviu-se como, no vapor, já recolhiam a corrente da âncora. Soprava um vento forte, penetrante e as árvores rangiam em algum ponto no alto do barranco escarpado. Com certeza, ia começar uma tempestade.